SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DO MÉDIO TEJO: OS CASOS DE TOMAR E DE FERREIRA DO ZÊZERE

SANDRA LOURENÇO*
PAULO ARSÉNIO**

Resumo: *Os concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere, fazendo este último, fronteira a norte com o primeiro, localizam-se administrativamente no distrito de Santarém, estando inseridos na região do Médio Tejo. Nesta região trata-se dos dois únicos concelhos onde estão inventariadas sepulturas escavadas na rocha, as quais, apesar de estarem inventariadas há muitos anos nas respetivas Cartas Arqueológicas, não foram ainda alvo de um estudo mais aprofundado no âmbito desta temática, o que se pretende agora efetuar, nomeadamente procedendo-se a algumas análises comparativas. É frequente a associação destes núcleos de sepulturas a antigos caminhos, bem como a pequenos casais.*

Palavras-chave: *Médio Tejo; Sepulturas; Tipologias; Povoamento.*

Abstract: *The municipalities of Tomar and Ferreira do Zêzere, the latter having its north frontier border with the former, are located administratively in the district of Santarém, being inserted in the region of Middle Tejo. In this region there are the only two counties where we have rock-cut, although they have been inventoried for many years in the respective Archeological Charts, but have not yet been the subject of a more in-depth study in this area, hence it is now proposed to carry out some comparative analyses. The association of these rock-cut graves with ancient paths is frequent, as well as with small settlements.*

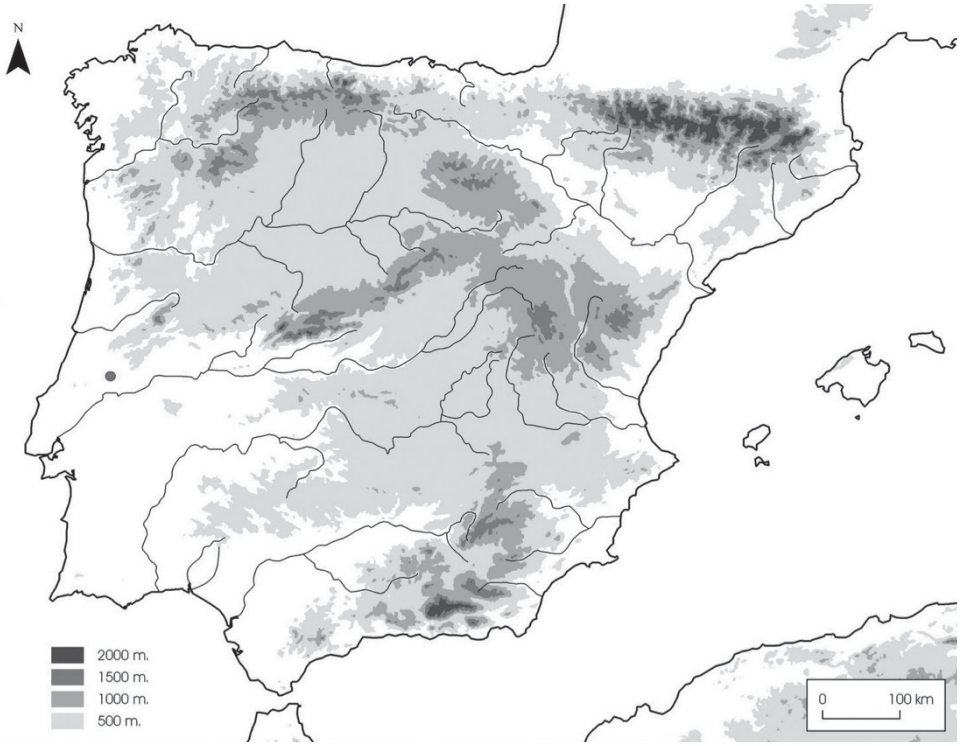
Keywords: *Middle Tagus Region; Graves; Typologies; Settlement.*

1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Os concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere, fazendo este último, fronteira a norte com o primeiro, localizam-se no distrito de Santarém, estando inseridos na região do Médio Tejo no centro de Portugal.

No concelho de Tomar, hidrologicamente, destaca-se a presença do rio Zêzere a oriente, do rio Nabão que percorre o território de norte para sul, bem como a ribeira da Beselga, da Fervença ou da Milheira. Ao nível geológico assiste-se a uma grande variedade, estando presente o xisto e o calcário, entre os quais existe uma faixa de contacto composta por grés e argilas vermelhas, localizando-se a sul do concelho a bacia terciária, com as suas cascalheiras. Do ponto de vista orográfico é na zona do

* DGPC. Email: slourenco@dgpc.pt.
** AESJT. Email: paulo.arsenio@gmail.com.



Mapa 1. Localização dos concelhos de Tomar e Ferreira do Zêzere na Península Ibérica[1]

xisto e do calcário que o relevo é mais acentuado, atingindo uma altitude média de 250 m, existindo alguns cabeços com 350 m[1].

No concelho de Ferreira do Zêzere, destaca-se igualmente o rio Zêzere, bem como as ribeiras de Ceras e do Rego da Murta. Assiste-se também a uma variedade do ponto de vista geológico, estando presente o xisto e o calcário, entre os quais existe uma faixa de contacto composta por grés e argilas vermelhas. Do ponto de vista orográfico este concelho tem maiores relevos, com algumas serras e cabeços que atingem os 451 m.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Em época romana a atual cidade de Tomar era a capital da *civitas Sellium*, de acordo com Jorge de Alarcão a *civitas* seiliense, teria o Zêzere como fronteira oriental, confrontaria a sul com *Scallabis* pelo paralelo de Torres Novas e a norte com Conímbriga pelos paralelos de Alvaiázere e de Ansião, a ocidente as serras de Aire e de Sicó[2].

[1] Consulta disponível em <https://blocs.xtec.cat/socialsnet/tag/mapa-mut/>.
[2] ALARCÃO, 1998: 48.

Para além da cidade romana, o povoamento rural romano, quer das *villae*, quer dos casais, está patente um pouco por todo o concelho com uma ampla cronologia que abrange a duração do império romano (século I – V d. C.), conforme o demonstram as estações arqueológicas romanas inventariadas na Carta Arqueológica do Concelho de Tomar[3]. De acordo com o exposto por este arqueólogo estão igualmente documentadas «uma grande quantidade de pequenas propriedades tardias (normalmente interpretadas como o desmembramento destas grandes *villae)*, pois a maior parte situa-se na sua periferias, cujos materiais, poucos característicos e pobres, talvez se possam inserir em finais do Baixo Império (século. IV-V d. C.)»[4].

Testemunhando a continuidade da ocupação humana de *Sellium*, e, à luz do *Parochiale Suevum*, temos a paróquia de *Selio*, a mais meridional, que ter-se-á mantido em época visigótica, sendo referida a paróquia de Naba.

Em 711 o exército muçulmano, composto maioritariamente por berberes, entra na Península Ibérica num momento em que a desagregação do reino visigótico, destacando-se as disputas entre a nobreza visigoda e a debilidade económico-social, teria trazido a ruralização das comunidades[5].

A maioria das cidades submete-se por capitulação, continuando os habitantes em posse das suas terras, sendo exemplo as facilidades concedidas aos distritos de Santarém e de Coimbra, tomadas por capitulação. De um modo geral, a população cristã que vivia nos campos «continuava a ter liberdade religiosa e a posse dos seus bens, mediante o pagamento de tributos sobre as colheitas e o imposto de capitação»[6].

Devem destacar-se para esta área geográfica outros dados históricos, nomeadamente, que D. Afonso Henriques, em 1159, doou o Termo de Ceras à Ordem do Templo, sendo neste documento feita referência ao Mosteiro da Murta; que em 1160 inicia-se em Tomar a construção do Castelo templário e no ano 1169 D. Afonso Henriques confirma a posse do Castelo de Tomar. Refira-se ainda em 1162 a primeira carta de foral aos povoadores de Tomar e em 1178 a Carta de foral aos povoadores do Carvalhal de Ceras.

3. METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico este trabalho assentou na consulta das Cartas Arqueológicas dos concelhos de Tomar[7] e de Ferreira do Zêzere[8], na pesquisa do Sistema de Informação *Endovélico* e do Portal do Arqueólogo, na consulta de bibliografia específica e de relatórios de trabalhos arqueológicos desta área geográfica, bem como

[3] BATATA, 1997: 169-215.
[4] BATATA, 1997: 91.
[5] MATTOSO, *dir.*, 1993: 445.
[6] CATARINO, 2004: 275.
[7] BATATA, 1997.
[8] BATATA, ARSÉNIO, 2006.

na relocalização de algumas das estações arqueológicas com sepulturas escavadas na rocha, respetivamente, de 7 sítios no concelho de Tomar e de 4 sítios no concelho de Ferreira do Zêzere.

Da pesquisa efetuada foi possível constatar que, na região do Médio Tejo, trata-se dos dois únicos concelhos onde, até ao momento, estão inventariadas sepulturas escavadas na rocha.

4. DESCRIÇÃO DAS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA

De forma a sistematizarmos os dados recolhidos, num total de 17 estações arqueológicas inventariadas com 29 sepulturas escavadas na rocha, seguimos o modelo descritivo anteriormente apresentado[9], associando-se à descrição do sítio a tabela de sepultura cujos itens e respetivas soluções enumeramos no Anexo I, onde são igualmente apresentados os desenhos das sepulturas.

4.1. Concelho de Tomar

4.1.1. Sepulturas isoladas

• Pia dos Moribundos/ Fonte da Romã (CNS 25080) — *Freguesia*: Além da Ribeira e Pedreira; *Lugar*: Cadaval; *Latitude*: 39º 39' 12", *Longitude*: 8º 24' 49" (WGS84); fl. 310 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 130 m. *Descrição*: Sepultura antropomórfica escavada no afloramento calcário orientada a sul, implantada numa encosta sobranceira ao vale do rio Nabão e próximo de um caminho de cronologia indeterminada. Esta sepultura destaca-se pelo facto de o antropomorfismo não estar delineado no contorno da sepultura, mas, sim, na escavação da cabeceira em arco de volta perfeita ao nível do leito. A zona da cabeceira apresenta uma «almofada» rebaixada. Encontra-se fraturada no contorno do lado esquerdo e com destacamento da rocha, provavelmente devido a algum incêndio que terá assolado esta zona. De acordo com a Carta Arqueológica do Concelho de Tomar no topo do cabeço «encontram-se telhas grossas curvas de um possível casal»[10].

Tabela 1. Síntese das caraterísticas da sepultura da Pia dos Moribundos/ Fonte da Romã conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	0	–	1	358º	2	0	–	0	1	2	0	1	50	48	176	22	22	34	0	–	3	2	0	0	1	–

Fonte: BATATA, 1997: 219; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

• Carvalhal (CNS 35818) — *Freguesia*: Além da Ribeira e Pedreira; *Lugar*: Carvalhal da Póvoa; *Latitude*: 39º 40' 36", *Longitude*: 8º 23' 41"(WGS84); fl.299 da CMP

[9] LOURENÇO, 2006: 117 e 118.
[10] BATATA, 1997: 219.

escala 1:25000; *Altitude*: 170 m. *Descrição*: Sepultura não antropomórfica de planta sub-retangular, inédita, localiza-se num cabeço. De acordo com o Sr.Ivo Guia, proprietário do terreno, a sepultura encontrava-se num afloramento calcário coincidente com a área de implantação da sua casa, pelo que cortou a rocha e deslocou-a do seu local original para uma zona do terreno onde a sepultura não seria destruída pela obra. Segundo informação do proprietário não existiam mais sepulturas no seu terreno. Todavia, devemos salientar que a mesma localiza-se a cerca de 300 m das sepulturas da Poça da Moira, podendo ter integrado um espaço único de necrópole.

Tabela 2. Síntese das caraterísticas da sepultura do Carvalhal conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	0	–	–	–	1	1	2	–	–	0	0	0	64	60	175	–	–	40	0	–	2	0	0	0	2	–

Fonte: Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

• Choiralves I (CNS 35819) — *Freguesia*: Casais e Alviobeira; *Lugar*: Choiralves; *Latitude*: 39º 39' 49", *Longitude*: 8º 23' 32" (WGS84); fl. 310 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 165 m. *Descrição*: Não nos foi possível relocalizar esta sepultura não antropomórfica e de planta retangular. Encontra-se implantada em parte de uma crista calcária, tem orientação oeste-este e apresenta 191 cm de comprimento, 63 cm de largura e 36 cm de profundidade. De acordo com a Carta Arqueológica de Tomar «O lado exterior à cabeceira parece ter sido ligeiramente aprofundado para a colocação de uma estela (?)», mencionando-se ainda a «Existência de cerâmica grosseira onde se incluem *imbrices* com cozedura oxidante/redutora»[11]. Observando-se a fotografia da sepultura que consta da mencionada publicação verifica-se que apresenta um rebordo horizontal no seu contorno esquerdo.

• Choiralves II (CNS 35820) — *Freguesia*: Casais e Alviobeira; *Lugar*: Choiralves; *Latitude*: 39º 39' 54", *Longitude*: 8º 23' 45" (WGS84); fl. 310 da CMP escala 1:25000; *Altitude*:160 m. *Descrição*: Não nos foi possível efetuar a sua relocalização. De acordo com a descrição da Carta Arqueológica de Tomar trata-se de uma sepultura não antropomórfica escavada no afloramento calcário, de planta retangular e com orientação oeste-este. É salientado que esta sepultura se encontra cortada na zona dos pés pela abertura de um caminho, indicando-se as dimensões de 106x45x27cm, e, mencionando-se que «Perto encontra-se uma laje monolítica em calcário, com as dimensões de 170x75x16 que pode ser a sua tampa»[12]. Refere-se igualmente a presença de cerâmica grosseira e *imbrices*.

[11] ARSÉNIO, 1997: 328.
[12] ARSÉNIO, 1997: 329.

• Seixeira I (CNS 25079) — *Freguesia*: Casais e Alviobeira; *Lugar*: Soianda; *Latitude*: 39º 39' 15", Longitude: 8º 23' 42" (WGS84); fl. 310 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 155 m. *Descrição*: Não foi possível relocalizar o sítio. Trata-se de uma sepultura não antropomórfica escavada no afloramento calcário, de planta retangular e com orientação oeste-este, indicando-se as seguintes dimensões 187x70x62[13]. Observando-se a fotografia da sepultura que consta da Carta Arqueológica de Tomar verifica-se que apresenta um rebordo horizontal em todo o seu contorno. Esta sepultura estará associada a um casal, localizado a cerca de 150 m, mencionando-se que «Na encosta aparecem *imbrices* grossos e cerâmica comum, associados a grossos muros de divisão de propriedade»[14].

4.1.2. Conjunto de duas sepulturas

• Póvoa (CNS 1819) — *Freguesia*: Além da Ribeira e Pedreira; *Lugar*: Póvoa; Latitude: 39º 39' 20", *Longitude*: 8º 24' 73" (WGS84); fl.310 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 100 m. *Descrição*: Conjunto de duas sepulturas alinhadas no mesmo afloramento calcário, orientadas a Este. Localizam-se num cabeço que domina o vale da Ribeira das Milheiras, nas imediações da aldeia da Póvoa. A sepultura 1 apresenta o delineamento do ombro esquerdo, pelo que foi considerada como antropomórfica incipiente. A sepultura 2, não antropomórfica, encontra-se fraturada no contorno esquerdo, verificando-se que na zona dos pés o calcário está a desfazer-se[15].

Tabela 3. Síntese das caraterísticas das sepulturas da Póvoa conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	1	–	2	250º	1	2	–	4	3	0	0	1	56	54	192	35	48	42	0	–	2	1	0	0	2	–
2	1	–	2	250º	2	1	2	–	–	0	0	1	56	46	172	–	–	51	0	–	2	1	0	0	2	–

Fonte: BATATA, 1997: 218; ARSÉNIO, BATATA, 1992: 56; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

• Carvalhal 1 (CNS 25077) — *Freguesia*: Além da Ribeira e Pedreira; *Lugar*: Carvalhal da Póvoa; *Latitude*: 39º 40' 29", *Longitude*: 8º 23' 39" (WGS84); fl. 299 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 159 m. *Descrição*: Conjunto de duas sepulturas escavadas lado a lado no mesmo afloramento calcário, destacando-se pelo facto de a sepultura 1 ter duplo antropomorfismo, enquanto a sepultura 2 encontra-se inacabada. Na sepultura 1 a cabeceira trapezoidal, com cantos paralelepipédicos, está orientada a oeste (78º), enquanto a cabeceira em arco de volta perfeita com cantos arqueados está orientada a este (260º). Refira-se que imediatamente ao lado da sepultura 2 foi escavada uma pequena pia com cerca de 15 cm de diâmetro e apenas 5 cm de profundidade. Coloca-se a hipótese da sepultura 2 ter sido reutilizada como lagareta,

[13] ARSÉNIO: 1997: 327.
[14] BATATA, 1997: 218.
[15] BATATA, 1997: 218; ARSÉNIO, BATATA, 1992: 56.

dado que apresenta um canal escavado na zona da cabeceira com cerca de 20 cm de profundidade. Encontram-se implantadas num pequeno cabeço, junto a um caminho de cronologia indeterminada, a cerca de 600 m da necrópole da Poça da Moira. De acordo com a Carta Arqueológica de Tomar «No topo do outeiro encontram-se espalhados muitos *imbrices* rudes, associados a duas sepulturas escavadas na rocha»[16].

Tabela 4. Síntese das caraterísticas das sepulturas do Carvalhal 1 conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	2	–	3 2	78º 260º	2	4	–	4	6 – 9 1 – 8	0	0	0	56	54	190	14 18	34 30	30	0	–	2	3	0	0	2 7.3	–
2	2	–	3 2	78º 260º	3	1	0	–	–	0	0	1	60	56	192	–	–	16	0	–	2	3	0	0	2 7.3	–

Fonte: BATATA, 1997: 217; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

• Choiralves III (CNS 35821) — *Freguesia*: Casais e Alviobeira; *Lugar*: Casal de Baixo; *Latitude*: 39º 40' 10", *Longitude*: 8º 23' 33" (WGS84); fl. 299 da CMP escala 1:25000; *Altitude*:170 m. *Descrição*: Conjunto de duas sepulturas não antropomórficas de planta sub-retangular e alinhadas no mesmo afloramento calcário, encontrando-se ambas parcialmente fraturadas nos seus contornos. Estas sepulturas têm dimensões muito semelhantes na sua largura e comprimento, ambas apresentam no seu contorno direito um rebordo horizontal com cerca de 27 cm de largura. Localizam-se num cabeço, nas proximidades de um caminho de cronologia indeterminada. A cerca de 300 para oeste encontrámos alguns fragmentos de *imbrices* grosseiros e fragmentos de cerâmica comum. Na Carta Arqueológica de Tomar, refere-se o seguinte: «Curiosamente, as sepulturas estão assinaladas por um marco (?), que ostenta a cruz de Cristo, com as dimensões de 37 cm de largura, por 71 cm (altura visível) e 17 cm. Encontra-se fraturado devido à ação do fogo e no nosso entender não parece ser uma estela. A cruz tem as dimensões de 36x28 cm»[17], sendo que na relocalização já não observámos esse marco.

Tabela 5. Síntese das caraterísticas das sepulturas de Choiralves III conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	1	–	0	170º	2	1	2	–	–	0	0	1	54	50	190	–	–	22	2	0	2	0	0	2	2	–
2	1	–	0	170º	2	1	2	–	–	0	0	1	53	50	192	–	–	29	2	0	2	0	0	2	2	–

Fonte: ARSÉNIO, 1997: 330; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

• Vales (CNS 14186) — *Freguesia*: Serra e Junceira; *Lugar*: Junceira; *Latitude*: 39º 36' 12", *Longitude*: 8º 20' 52" (WGS84); fl. 310 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 158 m.

[16] BATATA, 1997: 217.
[17] ARSÉNIO, 1997: 330.

Descrição: Duas sepulturas não antropomórficas escavadas no afloramento, encontram-se lado a lado, a maior tem 200x85x20 cm e a mais pequena 60x60x20[18], as quais não nos foi possível relocalizar.

• Paixinha I (CNS 25082) — *Freguesia*: Serra e Junceira; *Lugar*: Paixinha; *Latitude*: 39º 36' 35", *Longitude*: 8º 21' 49" (WGS84); fl. 310 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 160 m. *Descrição*: Este sítio não foi relocalizado. De acordo com a Carta Arqueológica de Tomar as duas (?) sepulturas escavadas na rocha localizam-se numa encosta, porém, foram cobertas com terras devido a trabalhos agrícolas[19].

4.1.3. Necrópole

• Poça da Moira (CNS 35822) — *Freguesia*: Além da Ribeira e Pedreira; *Lugar*: Carvalhal da Póvoa; *Latitude*: 39º 40' 35", *Longitude*: 8º 23' 38" (WGS84); fl. 299 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 156 m. *Descrição*: Atualmente apenas existem duas sepulturas não antropomórficas localizadas no quintal de uma casa, porém, de acordo com a informação oral recolhida e também com o descrito na Carta Arqueológica de Tomar existiriam pelo menos mais 4 sepulturas escavadas na rocha calcária[20] que terão sido destruídas aquando da construção da vivenda na década de 80 do século XX. A sepultura 1, fraturada na zona da cabeceira, continha apenas algumas folhas no fundo, enquanto a sepultura 2, fraturada na zona dos pés, estava preenchida com terra, não apresentando laje de cobertura ou pedras a tapar, observando-se o seu contorno. Aquando da limpeza manual destes sedimentos, identificámos praticamente à superfície fragmentos de ossos humanos, tendo-se procedido à escavação arqueológica da sepultura, a qual revelou um contexto de deposição secundária identificando-se três indivíduos adultos do género masculino e um contexto de deposição primária de um individuo adulto do género feminino. Ambas as sepulturas apresentam rebordos horizontais com 27 cm de largura, sendo que junto à sepultura 1, na zona dos pés, encontra-se escavada no afloramento uma pequena pia com cerca de 20 cm de diâmetro e 8 cm de profundidade.

Tabela 6. Síntese das caraterísticas das sepulturas da Poça da Moira conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	4	1	1	350º	2	1	3	–	–	0	0	1	55	55	193	–	–	40	2	0	2	0	0	2	1	–
2	4	1	5	320º	2	1	6	–	–	0	0	0	56	54	188	–	–	38	2	0	2	0	0	2	1	–

Fonte: ARSÉNIO, 1997: 328; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

[18] BATATA, 1997: 220 e 221.
[19] BATATA, 1997: 221.
[20] ARSÉNIO, 1997: 328.

4.2. Concelho de Ferreira do Zêzere

4.2.1. Sepulturas isoladas

• Pinheiros I (CNS12792) — *Freguesia*: Chãos; *Lugar*: Pinheiros; *Latitude*: 39º 41' 7", *Longitude*: 8º 23' 40" (WGS84); fl. 299 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 198 m. *Descrição*: Sepultura não antropomórfica de planta retangular, orientada a sul, localiza-se numa eira a cerca de 20 m da linha de muralha do povoado calcolítico de Pinheiros. Foi alvo de escavação arqueológica em 1998 por Luiz Oosterbeek e Ana Rosa Cruz no âmbito do PNTA «TEMPOAR», tendo sido recolhidos 947 ossos humanos, correspondentes de 3 a 5 indivíduos[21]. Todavia, estes arqueólogos salientam que a mesma já teria sido revolvida, dado na terra depositada sobre o afloramento da eira terem identificado «abundantes fragmentos ósseos»[22]. Esta sepultura tem a particularidade de ter à sua volta o rebordo rebaixado para encaixe da tampa, com cerca de 15 cm de largura, ainda que em algumas zonas esteja atualmente fraturado. Encontra-se igualmente inventariada na Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere[23].

Tabela 7. Síntese das caraterísticas da sepultura de Pinheiros I conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	0	–	1	0º	1	1	0	–	–	0	0	1	64	64	190	–	–	43	2	2	2	2	0	0	4	–

Fonte: BATATA, ARSÉNIO, 2006: 119; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

• Pinheiros II (CNS 12791) — *Freguesia*: Chãos; *Lugar*: Pinheiros; *Latitude*: 39º 41' 16"; *Longitude*: 8º 23' 39" (WGS84); fl. 299 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 204 m. *Descrição*: Sepultura não antropomórfica escavada no afloramento calcário que não nos foi possível relocalizar. De acordo com a Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere tem planta retangular, orientação E-O, um comprimento máximo de 184 cm e uma largura de 70 cm. Tem 26,5 cm de profundidade na zona da cabeceira e 37,5 cm na zona dos pés[24]. Nas suas imediações foi identificado numa pequena elevação uma grande quantidade de *imbrices* toscos, de várias espessuras, bem como «bastante e cerâmica de perfil em S e cerâmica manual»[25], interpretado como casal.

• Loba II (CNS 24831) — *Freguesia*: Areias e Pias; *Lugar*: Outeiro dos Pereiros; *Latitude*: 39º 42' 35", *Longitude*: 8º 20' 47" (WGS84); fl. 299 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 192 m. *Descrição*: Sepultura antropomórfica escavada no afloramento calcário

[21] OOSTERBEEK, CRUZ, 2000: 111 e 112.
[22] OOSTERBEEK, CRUZ, 2000: 111.
[23] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 119.
[24] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 112 e 113.
[25] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 89 e 90

que não nos foi possível relocalizar. De acordo com a Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere localiza-se numa encosta, tem planta trapezoidal, orientação O-E (285º), um comprimento máximo de 190 cm, uma largura máxima de 43 cm e 34 cm de profundidade[26]. Observando a fotografia publicada parece ter cabeceira de arco de volta perfeita. Nas suas imediações foram identificados «muitos fragmentos de *imbrices* nas montureiras provenientes da limpeza dos campos para fins agrícolas»[27], interpretado como casal, designado como Loba IV (CNS 24794).

• Loba III (CNS 24792) — *Freguesia*: Areias e Pias; *Lugar*: Outeiro dos Pereiros; *Latitude*: 39º 42' 19", *Longitude*: 8º 20' 44" (WGS84); fl. 299 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 194 m. *Descrição*: Sepultura não antropomórfica, orientada a sul, de planta ovalada escavada num penedo calcário isolado a cerca de 1 m de altura do solo, a única com esta característica do conjunto estudado. Encontra-se nas proximidades de um caminho de cronologia indeterminada e está ligeiramente fraturada no contorno dos pés e na metade superior do leito. De acordo com a Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere estará relacionada com o casal Loba (CNS 24789), onde foram identificados muitos fragmentos de *imbrices*, o qual se localiza a cerca de 100 m a sul da sepultura[28].

Tabela 8. Síntese das caraterísticas da sepultura de Loba III conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	0	–	1	350º	1	1	6	–	–	0	0	0	52	50	168	–	–	30	–	–	2	0	0	2	1	–

Fonte: BATATA, ARSÉNIO, 2006: 86 e 110; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

4.2.2. Conjunto de duas sepulturas

• Fonte Seca (CNS 24813) — *Freguesia*: Beco; *Lugar*: Fonte Seca; *Latitude*: 39º 47' 76", *Longitude*: 8º 18' 00" (WGS84); fl. 288 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 274 m. *Descrição*: Conjunto de duas sepulturas antropomórficas orientadas a este e escavadas lado a lado no afloramento xistoso, localizadas numa encosta da Serra de S. Paulo e nas imediações de um caminho de cronologia indeterminada. Saliente-se que estas sepulturas foram afetadas pelo grande incêndio de agosto de 2017 que percorreu o concelho de Ferreira de Zêzere, verificando-se que as altas temperaturas provocaram destacamentos na rocha, fragilizando o seu estado de conservação. Ambas as sepulturas apresentam-se fraturadas no seu contorno, provavelmente, consequência da surriba do terreno para o plantio de eucaliptos. Saliente-se que a sepultura 1 apresenta a cabeceira alteada tipo «almofada» e a zona dos pés rebaixada de forma a servir de

[26] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 109 e 110.
[27] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 86 e 87.
[28] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 86 e 110.

encaixe para os mesmos. Ambas as sepulturas apresentam no seu contorno exterior o rebordo rebaixado com cerca de 20 cm.

De acordo com a Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere nas proximidades destas sepulturas, no topo de um cabeço, existem muitos *imbrices* e pedras dispersas por uma área de 50 m², vestígios que poderão corresponder a um sítio de *habitat* destruído pela plantação de eucaliptos. Refere-se igualmente que no caminho de acesso encontram-se materiais de construção (telhas finas) da desaparecida ermida de S. Francisco[29].

Tabela 9. Síntese das caraterísticas das sepulturas da Fonte Seca conforme o Anexo I

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	1	–	2	250º	2	0	–	2	0	2	1	2	60	50	180	26	38	32	2	2	3	2	1	0	1	–
2	1	–	2	250º	2	0	–	4	3	0	0	1	50	48	180	16	30	38	2	2	3	2	1	0	1	–

Fonte: BATATA, ARSÉNIO, 2006: 90 e 115; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

• Madroeira (CNS 24814) — *Freguesia*: Beco; *Lugar*: Madroeira ; *Latitude*: 39º 47' 11", *Longitude*: 8º 18' 13" (WGS84); fl. 288 da CMP escala 1:25000; *Altitude*: 320 m. *Descrição*: Estão inventariadas duas sepulturas escavadas no afloramento xistoso, porém, na relocalização apenas identificámos a sepultura 1, não antropomórfica de planta retangular e orientada a este, que se destaca pelo seu rebordo elevado com cerca de 18 cm de largura. Na fotografia desta sepultura publicada na Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere observa-se, ainda, o rebordo completo que é descrito como «de gola alta»[30], atualmente, o rebordo está parcialmente destruído e nalguns pontos com vestígios de cimento.

A sepultura 2 em 2006 já se encontrava destruída na zona da cabeceira, impossibilitando aferir a sua tipologia geral. Apresentava planta trapezoidal e um comprimento visível de 154 cm, estaria também orientada a este (290º). Na zona dos pés apresentava 18 cm de largura e uma profundidade de 20 cm. Tendo em conta que o terreno estava limpo de vegetação e na prospeção realizada não a detetamos, deduzimos que já tenha sido destruída.

Na Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere refere-se que em volta das sepulturas encontrava-se «alguma cerâmica de aspeto muito arcaico»[31].

Tabela 10. Síntese das caraterísticas das sepulturas da Madroeira conforme o Anexo

N	S	S1	O	G	CS	TG	TGA	TGB	C1	C2	P1	P2	L	LM	C	CC	LC	PM	R1	R2	CL	CL'	M	A	IG	IC
1	1	–	2	280º	1	1	2	–	–	0	0	0	80	74	172	–	–	40	1	1	2	2	1	0	4	–
2	1	–	2	290º	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	0	4	–

Fonte: BATATA, ARSÉNIO, 2006: 91; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

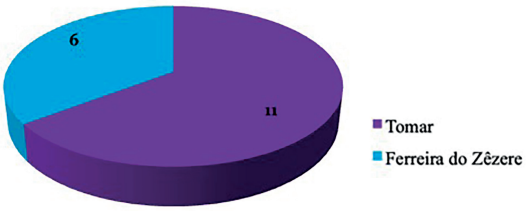
[29] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 90 e 115.
[30] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 113.
[31] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 91.

5. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS SEPULTURAS DOS CONCELHOS DE TOMAR E DE FERREIRA DO ZÊZERE

Verificamos que no concelho de Tomar temos 11 sítios com sepulturas escavadas na rocha correspondendo a 17 sepulturas inventariadas, às quais se somam as 4 sepulturas que existiriam na Poça da Moira, o que assim equivaleria a um total de 21 sepulturas.

Neste concelho estão ainda inventariados dois sítios arqueológicos sobre os quais se coloca a hipótese de existirem sepulturas escavadas na rocha, respetivamente, na Demesenda (CNS 11591, freguesia da Serra e Junceira) onde também foram identificados *imbrices* grosseiros e alguma cerâmica[32], bem como no Carvalhal II /Igreja do Carvalhal (CNS12615, freguesia de Além da Ribeira e Pedreira), tendo-se detetado *imbrices grosseiros*, e, onde de acordo com a tradição local terá também existido uma antiga igreja dedicada a São Silvestre, observando-se derrubes de pedras e algumas pedras aparelhadas[33].

Gráfico 1. Número de estações arqueológicas com sepulturas escavadas na rocha nos concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere



Fonte: BATATA, 1997; BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

Relativamente ao concelho de Ferreira do Zêzere estão inventariados 6 sítios com sepulturas escavadas na rocha equivalente a 8 sepulturas identificadas.

Contabilizamos assim um total de 17 sítios inventariados com 29 sepulturas escavadas na rocha, sendo que estas encontram-se sobretudo isoladas e em conjunto de duas. De acordo, com a informação recolhida apenas o sítio da Poça da Moira, no concelho de Tomar, seria uma necrópole constituída, pelo menos, por 6 sepulturas.

Tabela 11. Situação das sepulturas nos concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere

Situação da Sepultura	Tomar	Ferreira do Zêzere	Total
Isolada	5	4	9
Conjunto de 2 sepulturas	5	2	7
Necrópole	1	0	1

Fonte: BATATA, 1997; BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

[32] BATATA, 2016: 257.
[33] BATATA, 2016: 239.

Quanto ao comprimento todas as sepulturas inventariadas são de adulto, com exceção da sepultura 2 de Vales, com 60 cm de comprimento, a qual se localiza ao lado de uma sepultura de adulto com 200 cm.

Tabela 12. Comprimento total das sepulturas

Comprimento	Sepulturas
60-70	1
160-170	1
170-180	4
180-190	5
190-200	9
200-210	1
Indeterminadas	8

Fonte: BATATA, 1997; BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

5.1. Tipologia geral

Verificamos que a maioria das sepulturas inventariadas é de tipologia geral não antropomórfica, contabilizando-se nos dois concelhos apenas 5 sepulturas antropomórficas.

Tabela 13. Tipologia geral das sepulturas nos concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere

Tipologia Geral	Tomar	Ferreira do Zêzere	Total
Não Antropomórfica	12	4	16
Antropomórfica	2	3	5
Antropomorfismo Incipiente	1	0	1
Indeterminada	6	1	7

Fonte: BATATA, 1997; BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

5.1.1. Sepulturas antropomórficas

Para além da escassez desta tipologia, também não existe grande variedade tipológica. Em Ferreira do Zêzere temos a sepultura isolada da Loba II, com cabeceira em arco de volta perfeita, e, o conjunto de duas sepulturas da Fonte Seca, a sepultura 1 com cabeceira em arco volta perfeita, e, a sepultura 2 com cabeceira retangular.

Tabela 14. Tipologia das sepulturas antropomórficas nos concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere

Tipologia	Tomar	Ferreira do Zêzere	Total
Ovalada	1	0	1
Sub-retangular	1	1	2
Trapezoidal	0	1	1
Subtrapezoidal	0	1	1

Fonte: BATATA, 1997; BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

No concelho de Tomar devemos destacar a sepultura da Pia dos Moribundos/ Fonte da Romã, onde o antropomorfismo não está patente no contorno da sepultura, mas, sim, na escavação ao nível do leito da cabeceira em arco de volta perfeita.

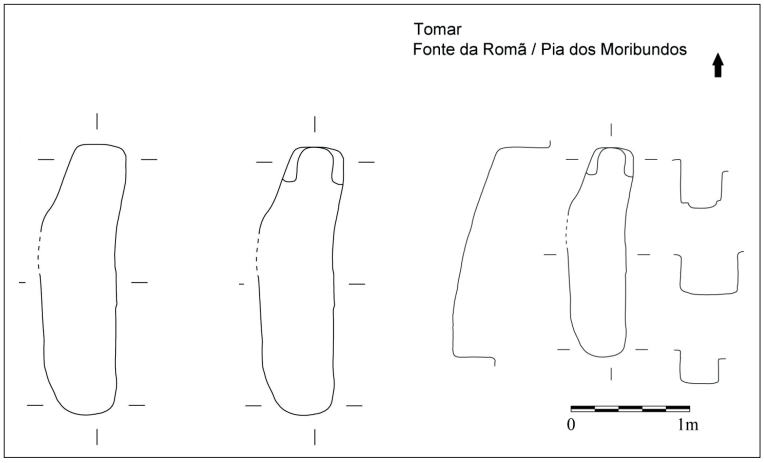


Fig. 1.
Possível evolução da tipologia geral da sepultura
Fonte: Sandra Lourenço

Colocamos a hipótese desta sepultura poder ter tido mais do que um momento de utilização, ou seja, numa primeira fase, seria não antropomórfica, e, num segundo momento o antropomorfismo teria sido conseguido com a escavação da cabeceira no leito da sepultura.

Ainda no concelho de Tomar temos a sepultura 1 do Carvalhal I com a singularidade de ter duas cabeceiras, uma trapezoidal com cantos paralelepipédicos, e, outra em arco de volta perfeita com os cantos arqueados.

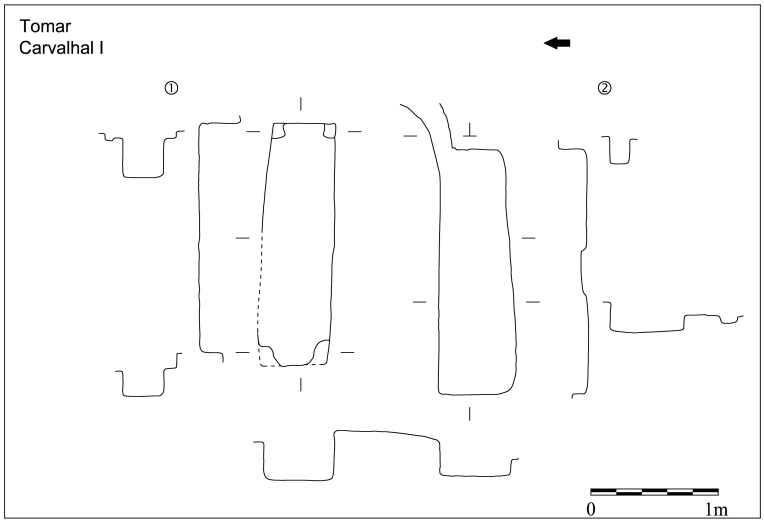


Fig. 2.
Carvalhal I: destaque para a sepultura 1 com duas cabeceiras
Fonte: Sandra Lourenço

Corresponderá esta duplicidade de cabeceiras a dois momentos de inumação (?), ou, terá existido um engano na execução da sepultura (?). Saliente-se, ainda, que a sepultura 2 localizada ao seu lado, ainda que de contorno não antropomórfico, está inacabada.

5.1.2. Sepulturas com antropomorfismo incipiente e sepulturas não antropomórficas

Neste conjunto de sepulturas somente no concelho de Tomar identificámos um único caso de antropomorfismo incipiente, trata-se da sepultura 1 da Póvoa, a qual apresenta apenas o delineamento do ombro esquerdo.

Conforme supra referimos a maioria das sepulturas inventariadas são de tipologia não antropomórfica, num total de 16 sepulturas, com predomínio da tipologia retangular, como é o caso da sepultura 2 do Carvalhal, de Choiralves I, de Choiralves II, da Seixeira I, de Pinheiros I, de Pinheiros II e da sepultura 1 da Madroeira.

Segue-se a tipologia sub-retangular identificada apenas no concelho de Tomar, respetivamente, no Carvalhal, na sepultura 2 da Póvoa, e, nas duas sepulturas de Choiralves III. De tipologia ovalada temos a sepultura 2 da Poça da Moira e a sepultura isolada da Loba III. Somente a sepultura 1 da Poça da Moira apresenta tipologia sub-retangular com os lados arqueados. Em relação às duas sepulturas de Vales não dispomos de informação sobre a sua tipologia.

Tabela 15. Tipologia das sepulturas não antropomórficas nos concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere

Tipologia	Tomar	Ferreira do Zêzere	Total
Retangular	4	3	7
Sub-retangular	4	0	4
Ovalada	1	1	2
Sub-retangular com lados arqueados	1	0	1
Indeterminada	2	0	2

Fonte: BATATA, 1997; BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

Dentro desta tipologia devemos salientar a sepultura da Loba III, a única que se localiza num penedo isolado, elevado a cerca de 1 m acima da superfície do solo, conferindo-lhe algum destaque na paisagem, característica que não se verifica nas restantes sepulturas.

Fig. 3.
Penedo isolado onde foi escavada a sepultura da Loba III
Fonte: Sandra Lourenço

5.2. Orientação das sepulturas

No concelho de Tomar ainda que tenhamos 5 sepulturas com orientação O-E, verifica-se que há diversidade nas orientações, não havendo correspondência entre uma tipologia e uma orientação concreta. Temos sepulturas não antropomórficas com orientação O-E, N-S, ou S-N.

Destaca-se, novamente, o caso específico da sepultura 1 do Carvalhal I, com as duas cabeceiras e como tal com orientações opostas, e, a da Pia dos Moribundos/Fonte da Romã com orientação N-S.

Para algumas das sepulturas do concelho de Tomar que não nos foi possível relocalizar, não dispomos de informação sobre os graus, conforme se constata na tabela *infra*.

Tabela 16. Orientação das sepulturas do concelho de Tomar

Sepultura/Sítio	Tipologia	Orientação
Sepultura n.º 1 da Póvoa	Antropomorfismo Incipiente	250º
Sepultura n.º 2 da Póvoa	Não antropomórfica	250º
Pia dos Moribundos/Fonte da Romã	*Antropomórfica*	358º
Carvalhal	Não antropomórfica	Indeterminada
Sepultura n.º 1 do Carvalhal 1	*Antropomórfica*	78º/260º
Sepultura n.º 2 do Carvalhal 1	Não antropomórfica/Inacabada	78º/260º
Sepultura n.º 1 da Poça da Moira	Não antropomórfica	350º
Sepultura n.º 2 da Poça da Moira	Não antropomórfica	320º
Choiralves I	Não antropomórfica	O-E

Choiralves II	Não antropomórfica	O-E
Sepultura n.º 1 da Choiralves III	Não antropomórfica	170º
Sepultura n.º 2 da Choiralves III	Não antropomórfica	170º
Seixeira I	Não antropomórfica	O-E
Vales (2 sepulturas)	Não antropomórfica	Indeterminada
Paixinha I	Indeterminada	Indeterminada

Fonte: BATATA, 1997; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

Para o concelho de Ferreira do Zêzere das 8 sepulturas, 5 têm orientação O-E. Neste caso e ainda que as antropomórficas tenham orientação canónica, constata-se que esta também está presente na sepultura não antropomórfica da Madroeira.

Tabela 17. Orientação das sepulturas do concelho de Ferreira do Zêzere

Sítio	Tipologia	Graus
Pinheiros I	Não antropomórfica	0º
Pinheiros II	Não antropomórfica	80º
Loba II	*Antropomórfica*	285º
Loba III	Não antropomórfica	350º
Sepultura n.º 1 da Fonte Seca	*Antropomórfica*	250º
Sepultura n.º 2 da Fonte Seca	*Antropomórfica*	250º
Sepultura n.º 1 da Madroeira	Não antropomórfica	280º
Sepultura n.º 2 da Madroeira	Indeterminada	290º

Fonte: BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

5.3. Outros dados: pias, sepulturas inacabadas e tampas/rebordos

Apenas temos dois casos, ambos no concelho de Tomar, onde observamos a associação das sepulturas a pequenas pias escavadas no afloramento calcário, respetivamente, na sepultura 1 da Poça da Moira com cerca de 20 cm de diâmetro e 8 cm de profundidade, e, na sepultura 2 do Carvalhal 1, aproximadamente com 15 cm de diâmetro e 7 cm de profundidade. Nesta última sepultura inacabada, observa-se igualmente um canal de escorrência, colocando-se a hipótese de poder ter sido, eventualmente, utilizada como lagareta.

De acordo com a descrição apresentada na Carta Arqueológica de Tomar junto à sepultura não antropomórfica de Choiralves II observou-se a presença de uma laje monolítica em calcário com a dimensão de 170x75x16 cm. Nas fotografias integradas nesta publicação observa-se ainda a presença de rebordos horizontais nas sepulturas não antropomórficas de Seixeira I e Choiralves I[34].

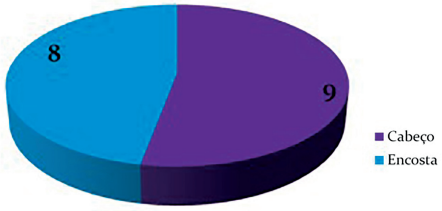
[34] ARSÉNIO, 1996: 326 e 328.

Nas relocalizações efetuadas identificámos no concelho de Tomar a presença de rebordos horizontais nas duas sepulturas da Poça da Moira e nas duas sepulturas de Choiralves III, e, no concelho de Ferreira do Zêzere rebordos rebaixados na sepultura isolada de Pinheiros I e nas duas sepulturas da Fonte Seca, bem como o rebordo elevado na sepultura 1 da Madroeira.

5.4. Implantação geográfica

Da análise efetuada a este conjunto de sítios, constata-se que estes implantam-se quer em pequenos cabeços, sem defensabilidade natural, quer em encostas suaves.

Gráfico 2. Implantação geográfica das estações arqueológicas com sepulturas escavadas na rocha nos concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere



Fonte: BATATA, 1997; BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação Endovélico e Portal do Arqueólogo

Localizam-se em áreas sobranceiras a vales férteis e ricos em água (vale do rio Nabão, da ribeira da Milheira, da ribeira da Fervença, da ribeira da Soianda Velha, da ribeira de Ceras, da ribeira de Ribelas) e propícios à prática agrícola.

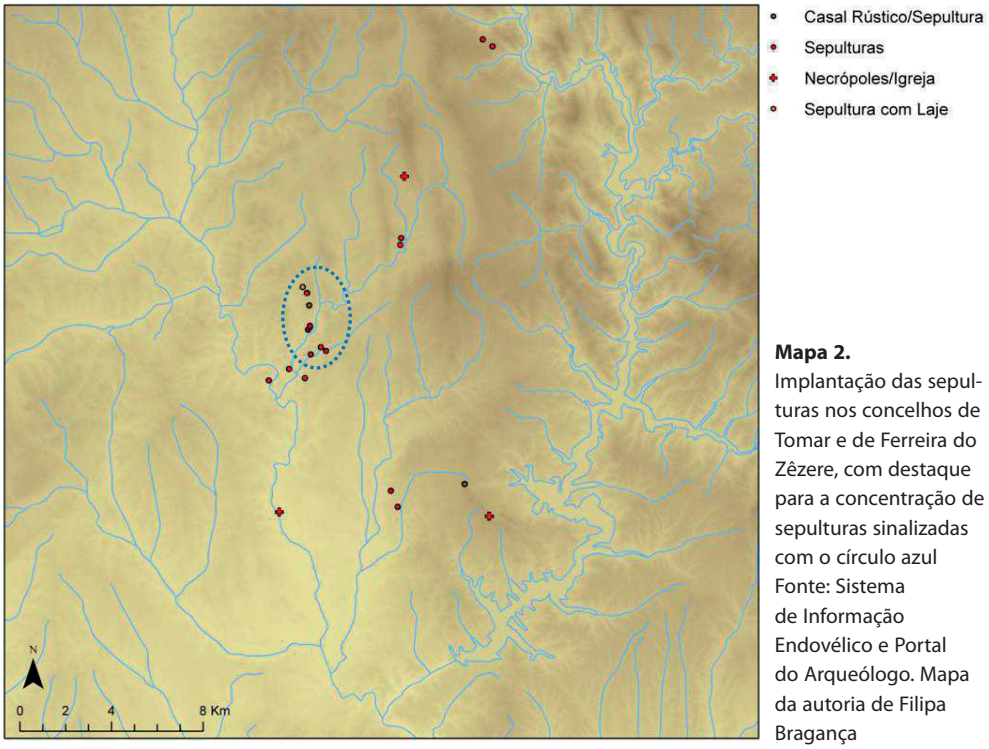
De um modo geral, estas sepulturas localizam-se nas imediações de caminhos de cronologia indeterminada. Destacando-se pela sua implantação mesmo ao lado de caminhos as sepulturas isoladas da Pia dos Moribundos/Fonte da Romã e da Loba III, bem como o conjunto das duas sepulturas do Carvalhal I.

Analisando o mapa *supra*, nomeadamente, a localização das sepulturas, verifica-se que existe uma elevada concentração de sepulturas entre os atuais limites administrativos dos concelhos Tomar (Carvalhal I, Carvalhal, Poça da Moira, Choiralves I, Choiralves II, e, Chorialves III) e de Ferreira do Zêzere (Pinheiros I e Pinheiros II).

Esta concentração verifica-se, sobretudo, em torno da atual aldeia do Carvalhal da Póvoa, indiciando uma forte ocupação desta área no período alto-medieval.

Colocando-se a hipótese da necrópole da Poça da Moira, corresponder à necrópole de uma comunidade rural mais expressiva (pequena aldeia?), onde poderiam coexistir vários núcleos familiares.

Saliente-se que dada a proximidade entre a sepultura não antropomórfica do Carvalhal e as sepulturas não antropomórficas da Poça da Moira é possível que a primeira tenha integrado o espaço de necrópole da segunda, pelo que o que hoje vemos no terreno como separado poderá no passado ter sido um espaço único de enterramentos.



Mapa 2.
Implantação das sepulturas nos concelhos de Tomar e de Ferreira do Zêzere, com destaque para a concentração de sepulturas sinalizadas com o círculo azul
Fonte: Sistema de Informação Endovélico e Portal do Arqueólogo. Mapa da autoria de Filipa Bragança

Acrescente-se ainda que nos *Anais do Município de Tomar* é feita referência a Carvalhal de Ceras, que recebe foral em 1178[35], cujos limites parecem coincidir com a zona do Carvalhal da Póvoa, área que revela forte concentração de vestígios arqueológicos pelo menos desde a Alta Idade Média e que se prolongará pela Baixa Idade Média.

6. IDENTIFICAÇÃO DE ESPÓLIO OSTEOLÓGICO

Apesar da raridade na identificação de ossos humanos nas sepulturas escavadas na rocha, temos nesta área geográfica dois sítios arqueológicos onde foram detetados vestígios osteológicos, nomeadamente, na sepultura isolada e não antropomórfica de Pinheiros I e na sepultura 2 não antropomórfica da necrópole da Poça da Moira, estas distam entre si, aproximadamente, 1 km, localizando-se a primeira no concelho de Ferreira do Zêzere e a segunda no concelho de Tomar.

A sepultura de Pinheiros I que se localiza na área do povoado calcolítico de Pinheiros (CNS11709) foi escavada em julho de 1998 por Luiz Oosterbeek e Ana Rosa Cruz, no âmbito do PNTA/98 — Territórios, Mobilidade e Povoamento na

[35] ROSA, 1972: 46.

Pré-História Recente do Alto Ribatejo. De acordo com a publicação dos resultados deste trabalho, foram recolhidos 947 ossos humanos, mencionando-se que a sepultura «integrava entre 3 a 5 indivíduos»[36], e, que a mesma já teria sido violada, pois na pequena película de terra que se depositava sobre o afloramento da eira, onde se encontra a sepultura, foram identificados «abundantes fragmentos ósseos»[37]. Face aos dados publicados colocamos a hipótese desta sepultura poder ter sido reutilizada para várias inumações, possivelmente, de indivíduos com ligações familiares entre si. Atualmente, estamos a tentar localizar este conjunto de espólio osteológico, de forma a se efetuar o seu estudo em conjunto com o espólio da sepultura 2 da Poça da Moira.

A necrópole da Poça da Moira (CNS 35822), localiza-se atualmente no quintal de uma casa construída na década de 80 do século XX, estando os seus proprietários emigrados em França. A sepultura 1 estava limpa de terras, apenas com algumas folhas no fundo. A sepultura 2 encontrava-se preenchida com terras, sem qualquer laje de cobertura ou pedras a tapar, observando-se o seu contorno.

Tendo em conta a sua localização num quintal limpo e com árvores de fruto, bem como que neste tipo de situação, normalmente, no interior destas sepulturas são colocadas as terras e pedras resultantes das limpezas das áreas agrícolas, iniciou-se a remoção manual das terras de forma a procedermos aos respetivos registos da sepultura.

Todavia, praticamente no topo da terra que preenchia a sepultura 2 identificaram-se alguns ossos humanos, muito fragmentados, dispersos pelo leito, sem qualquer conexão anatómica e alguns dispostos na vertical.

Face a esta evidência foi efetuada a escavação arqueológica da sepultura sob a responsabilidade da autora e com a colaboração da especialista em antropologia biológica Filipa Neto[38]. Apresentam-se alguns dados preliminares, uma vez que o conjunto osteológico será alvo do respetivo estudo bioantropológico, procurando-se igualmente financiamento para análises de isótopos estáveis e datações por radiocarbono, fundamentais, para o estudo deste contexto funerário excecional identificado no Alto Ribatejo. Saliente-se que não temos espólio arqueológico associado, com exceção de escassos e pequenos fragmentos de bojo de cerâmica manual e a torno que se recolheram no sedimento da sepultura, os quais não nos permitem avançar com uma datação deste contexto funerário.

[36] OOSTERBEEK, CRUZ, 2000: 111 e 112.
[37] OOSTERBEEK, CRUZ, 2000: 111.
[38] DGPC. Email: fneto@dgpc.pt.

Fig. 4.
Em primeiro plano a sepultura 1 da Poça da Moira completamente limpa de terras
Fonte: Sandra Lourenço

Fig. 5.
Em primeiro plano a sepultura 2 da Poça da Moira preenchida com terras, observando-se em segundo plano a sepultura 1
Fonte: Sandra Lourenço

Verificámos que nos primeiros 25 cm de sedimento a fragmentação e dispersão dos ossos era elevada, observando-se depois uma efetiva concentração de ossos humanos na zona dos pés da sepultura, estando presentes e melhor conservados os ossos longos dos membros superiores e inferiores. Alguns ossos de crânios de mais do que um indivíduo, embora presentes, encontravam-se muito fragmentados. As vértebras e costelas, apareciam em menor número e também muito mal conservadas e fragmentadas, enquanto os ossos dos pés e mão estavam praticamente ausentes.

Fig. 6.
Ossos depositados de forma aparentemente organizada na base da sepultura
Fonte: Sandra Lourenço

Fig. 7. Pormenor da deposição de ossos pertencentes a mais do que um indivíduo
Fonte: Sandra Lourenço

O estado de conservação e preservação destes ossos, e a sua aparente arrumação por tipos de ossos parece indicar um contexto de deposição secundária aparentemente organizada. Até ao momento foi possível identificar três indivíduos adultos e do género masculino. A deposição dos ossos longos (tanto dos membros superiores, quanto dos membros inferiores) numa mesma orientação e sobrepostos, indiciam a possível seleção de ossos de um outro contexto funerário e a sua deposição neste, ou, então, a limpeza da sepultura e nova rearrumação dos esqueletos, com seleção de ossos e da área de deposição.

Fig. 8.
Inumação do indivíduo feminino identificada em contexto primário
Fonte: Sandra Lourenço

Ora, efetivamente, após o levantamento deste contexto em deposição secundária, identificou-se um outro nível correspondente a uma inumação em contexto primário de um individuo adulto do género feminino depositado sobre o leito da sepultura, a qual tem cerca de 38 cm de profundidade.

O esqueleto encontrava-se em conexão anatómica depositado em decúbito dorsal, numa orientação NNO – SSE, com os membros superiores fletidos, as mãos colocadas sobre o baixo ventre e os membros inferiores estendidos e paralelos entre si, com os pés juntos. O crânio encontrava-se totalmente fragmentado, todavia foi possível verificar que o maxilar inferior e parte do maxilar superior estavam ainda bem conservados. As características dos sedimentos e a humidade do solo não permitiram, no entanto, o levantamento integral dos mesmos, e com a sua remoção os vestígios acabaram por fragmentar-se. Partindo da observação do maxilar inferior pode aperceber-se que o crânio ou estaria voltado para a direita, ou teria tombado para esse lado no decurso do processo de decomposição.

Pela forma como os ossos estavam dispostos e as respetivas articulações, nomeadamente os pés sobrepostos, coloca-se a hipótese deste indivíduo ter sido colocado envolto numa mortalha ou sudário e depois coberto por terra.

Nestes indivíduos não se registaram lesões patológicas observáveis durante o trabalho de campo, dados que deverão ser confirmados ainda pelo trabalho de gabinete a realizar futuramente.

Assim, tal como na sepultura de Pinheiros I, também na sepultura 2 da Poça da Moira temos mais do que um individuo, dados que nos remetem definitivamente para a reutilização das sepulturas escavadas na rocha para várias inumações, conforme, aliás já o foi confirmado na sepultura do Alto da Quintinha, na Beira Alta[39].

Estes novos dados abrem-nos, definitivamente, uma nova perspetiva de análise quer para estes contextos funerários alto medievais, sendo que uma sepultura pode ter tido várias inumações, provavelmente, de indivíduos com ligações familiares entre si, quer para as próprias comunidades rurais que nelas se fariam sepultar, as quais com a sua reutilização otimizariam o investimento efetuado na abertura da sepultura.

7. OUTROS TIPOS DE INUMAÇÃO

Para além das sepulturas escavadas na rocha, estão inventariadas na Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere, outros tipos de inumação, como é o caso do conjunto das duas sepulturas em lajes calcárias de Pinheiros III (CNS 24812), não antropomórficas, retangulares, dispostas lado a lado (com 185 cm e 169 cm de comprimento) e com orientação O-E[40], localizadas nas imediações das sepulturas escavadas na rocha não antropomórficas de Pinheiros I e Pinheiros II.

Na mesma publicação refere-se a existência no lugar de Carril (Dornes) de um possível sarcófago retangular, antropomórfico (?) com o apoio para a cabeça e 220 cm de comprimento[41].

8. ASSOCIAÇÃO ENTRE O ESPAÇO FUNERÁRIO E RELIGIOSO

Conforme supra referimos, ainda que tenhamos a referência oral da existência de sepulturas escavadas na rocha próximo de um local onde terá existido uma antiga igreja dedicada a São Silvestre (Carvalhal II/Igreja do Carvalhal – CNS 12615), constatamos que as sepulturas analisadas não estão associadas a espaços religiosos.

Todavia, atendendo a que este tipo de inumação se prolonga no tempo, sendo frequente a sua associação a igrejas paroquiais, devemos referir o aparecimento de sepulturas escavadas na rocha, de tipologia antropomórfica[42] no adro da Igreja Matriz da Serra (CNS 11692), na freguesia da Serra, concelho de Tomar.

De igual forma, devemos destacar a necrópole da Igreja de Santa Maria do Olival (CNS 3615), na cidade de Tomar, intervencionada entre 2007 e 2009 no âmbito

[39] NÓBREGA, NETO, TENTE, 2012: 203-210.
[40] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 111e 112.
[41] BATATA, ARSÉNIO, 2006: 120.
[42] BATATA, 2016: 292.

do Tomar Polis onde também foram identificadas sepulturas antropomórficas escavadas no substrato geológico, bem como sepulturas estruturadas variando entre a simples delimitação de blocos pétreos irregulares até ao aparelho em alvenaria bem construído e cobertas com tampas calcárias[43].

9. ESPAÇO DOS MORTOS E ESPAÇO DOS VIVOS: SEPULTURAS E CASAIS

Também no concelho de Tomar e nas imediações da maioria das sepulturas escavadas na rocha (c.d.100 m) é feita menção na Carta Arqueológica à presença de vestígios arqueológicos que corresponderão a pequenos casais rurais, os quais, provavelmente, pertenceriam a núcleos familiares.

Tabela 18. Associação entre as sepulturas e os sítios de povoamento no concelho de Tomar

Sepulturas (nº)	Casais
Póvoa (2)	-
Pia dos Moribundos/Fonte da Romã (1)	*imbrices* grosseiros
Carvalhal 1 (2)	*imbrices* grosseiros
Carvalhal (1)	-
Poça da Moira (6)	-
Choiralves I (1)	*imbrices* grosseiros e cerâmica comum
Choiralves II (1)	*imbrices* grosseiros e cerâmica comum
Choiralves III (2)	*imbrices* grosseiros e cerâmica comum
Seixeira I	*imbrices* grosseiros e cerâmica comum
Vales	-
Paixinha I	*imbrices* grosseiros

Fonte: BATATA, 1997. Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

A exceção a esta regra poderá estar representada na necrópole da Poça da Moira, a qual pode indiciar um espaço de povoamento mais consistente, como uma pequena aldeia, onde poderiam coexistir vários núcleos familiares, conforme *supra* mencionámos.

O anteriormente referido replica-se para as sepulturas do concelho de Ferreira do Zêzere, sendo que de um modo geral os vestígios materiais têm pouca expressão à superfície do terreno, descrevendo-se áreas de dispersão que vão dos 50 m² aos 200 m².

[43] SANTOS, CARRONDO, RIBEIRO, 2009. PEREIRA, PEREIRA, 2010.

Tabela 19. Associação entre as sepulturas e sítios de povoamento no concelho de Ferreira do Zêzere

Sepulturas (nº)	Casais
Pinheiros I (1)	*imbrices* grosseiros e cerâmica comum; «estruturas de casas dentro da mata de carvalhos e azinheiras.» (BATATA, ARSENIO, 2006: 88)
Pinheiros II (1)	*imbrices* grosseiros e cerâmica comum manual
Loba II (1)	*imbrices* grosseiros
Loba III (1)	*imbrices* grosseiros e cerâmica comum; muro pedra solta
Fonte Seca (2)	*imbrices* grosseiros e pedras de estruturas
Madroeira (2)	«cerâmica de aspeto muito arcaico» (BATATA, ARSENIO, 2006: 91)

Fonte: BATATA, ARSÉNIO, 2006; Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo

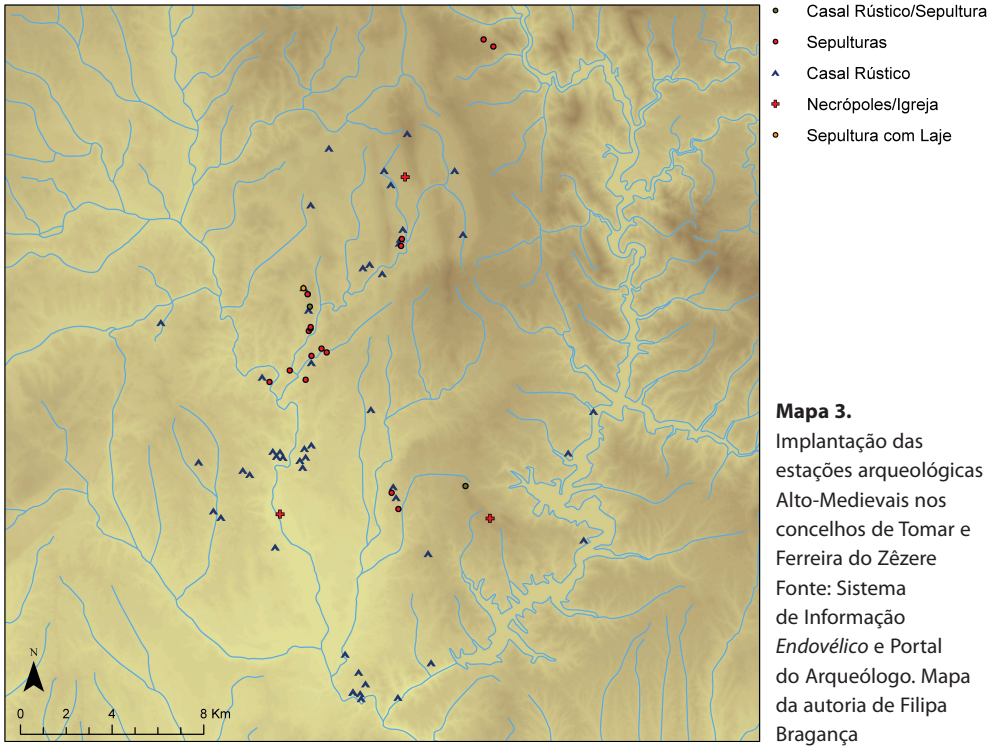
No concelho de Tomar, para além das associações de sepulturas/casais acima referidas, estão ainda identificados um total de 36 casais, e, no concelho de Ferreira do Zêzere mais 6 casais, integráveis na Alta Idade Média, que obviamente terão também tido o seu espaço funerário.

Localizam-se, predominantemente, em pequenos cabeços, sem defesa natural, e encostas suaves sobranceiras a vales férteis para a prática agrícola.

Recorrentemente, o material arqueológico observado em prospeção são os *imbrices* grosseiros, alguma cerâmica manual ou a torno lento de pastas castanhas e micáceas, e, a cerâmica a torno de cozedura oxidante.

A estes dados diretamente associados às sepulturas escavadas na rocha, devemos ainda acrescentar o aparecimento no concelho de Tomar de pequenos casais rurais enquadrados, pelos arqueólogos responsáveis das escavações arqueológicas preventivas e de emergência, no período tardo romano/visigótico, como são o exemplo do Casal do Acipreste (CNS 29660), do Casal das Gazelas (CNS 29863) e da Quinta da Ponte de Peniche (CNS30070), os dois primeiros escavados por Elisabete Barradas (2006) e o último por Nélson Borges (2007). Estes sítios, provavelmente, não terão características muito diferentes ao nível da implantação, das estruturas e do espólio dos pequenos casais associados ao contexto funerário das sepulturas rupestres, mas, tal, apenas poderá ser efetivamente comprovado com trabalhos de escavação arqueológica.

O sítio do Casal do Acipreste, já estudado por Elisabete Barradas e Carlos Batata, encontra-se implantado num pequeno cabeço sobranceiro à Ribeira do Tripeiro e ao Rio Nabão, tendo sido identificado no acompanhamento dos trabalhos de desmatação, quando se observou uma mancha de dispersão de telhas e grandes amontoados de blocos de pedra calcária.



Mapa 3. Implantação das estações arqueológicas Alto-Medievais nos concelhos de Tomar e Ferreira do Zêzere Fonte: Sistema de Informação *Endovélico* e Portal do Arqueólogo. Mapa da autoria de Filipa Bragança

Na escavação arqueológica foram identificados vestígios de uma estrutura habitacional de planta quadrangular, que terá tido um segundo momento de remodelação, referindo-se que «No canto interior sul da casa surgiu uma fossa escavada na rocha, com contornos vagamente antropomórficos mas sem vestígios osteológicos. Na área exterior da habitação derrubes de telha indiciam a existência de telheiros na zona Este»[44]. Do espólio destacam-se os *imbrices* grosseiros com decorações digitadas com motivos variados, a cerâmica comum de fabrico local com pastas mal depuradas e grande quantidade de desengordurantes micáceos; alguns fragmentos de cerâmica comum de pastas alaranjadas, bem depuradas, de tradição romanas. As formas mais frequentes são as panelas e os potes, fazendo também parte do conjunto artefactual alguns jarros, cântaros, *dolia* e alguidares[45].

[44] BARRADAS, BATATA: no prelo.
[45] BARRADAS, BATATA: no prelo.

10. SÍNTESE

Esta análise assentou na sistematização e análise de sítios que já se encontravam inventariados nas Cartas Arqueológicas do concelho de Tomar e de Ferreira do Zêzere, e, no Sistema de Informação Endovélico, sendo que no âmbito das relocalizações foi inventariada a nova sepultura do Carvalhal, e, identificado espólio osteológico na sepultura 2 da Poça da Moira que conduziu à sua escavação e consequentemente à recolha de novos dados sobre a reutilização das sepulturas escavadas na rocha para várias inumações no seio de uma comunidade rural.

Apesar do número de sepulturas aqui apresentado ser bem mais reduzido do que aquele que estudámos no âmbito do projeto de investigação sobre o *Povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva* (2007) e de observarmos, também, grandes diferenças em termos tipológicos, nomeadamente, com o predomínio do não antropomorfismo, há um ponto de união nestas regiões, estaremos, também aqui perante, um povoamento assente em pequenos casais, com um sustento muito provavelmente relacionado com a prática agrícola (entre outras?), mas que, certamente, formariam uma rede entre si.

Os inúmeros casais que acima fizemos referência e que se integrarão neste mundo alto-medieval, terão também o seu espaço funerário, provavelmente, também, com outras soluções de inumação.

Muito estará por descobrir e estudar nesta área do Alto Ribatejo, porém, estamos certos que um trabalho de investigação sobre esta temática trará outros dados quer sobre as sepulturas rupestres, ou, outro tipo de inumação, quer sobre os locais de povoamento das comunidades rurais que ao longo da Alta Idade Média habitaram neste território.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1988a). *Roman Portugal.* Warminster: Aris and Phillips Lt., fasc. 1, vol. 2.

ALARCÃO, Jorge de (1988b). *O domínio romano em Portugal.* Lisboa: Publicações Europa-América.

ALARCÃO, Jorge de (1998). *A Paisagem Rural Romana e Alto Medieval em Portugal.* «Conimbriga». 37, 89-119.

ALARCÃO, Jorge de (2000). *As paróquias suévicas do território actualmente português*. «Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania». Separata. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 29-59.

ARSÉNIO, Paulo; BATATA, Carlos (1992). *Sepulturas escavadas na rocha da região de Tomar.* In *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar.* Tomar: Camara Municipal de Tomar, vol. 16, pp. 92-102.

ARSÉNIO, Paulo (1997). *Sepulturas escavadas na rocha (Anexo C).* In *As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho*. Tomar: CEPPRT, pp. 325-330.

BARRADAS, Elisabete (2007a). *Relatório final das sondagens arqueológicas no Casal das Gazelas (p.k.5+150). IC9 – Nó de Carregueiros/Tomar (IC3)*. Ed. policopiada.

BARRADAS, Elisabete (2007b). *Relatório final dos trabalhos de escavação arqueológica no Casal do Acipreste ao p.k. 4+900. IC9 – Sublanço Nó de Carregueiros/Tomar (IC3)*. Ed. policopiada.

BARRADAS, Elisabete; BATATA, Carlos (no prelo). *O Casal do Acipreste (Tomar) – um habitat tardo-romano/visigótico*. Évora: Universidade de Évora. Poster apresentado no I Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição.

BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV*). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

BATATA, Carlos (1997). *As Origens de Tomar*. *Carta Arqueológica do Concelho.* Tomar: CEPPRT.

BATATA, Carlos; ARSÉNIO, Paulo (2006). *Carta Arqueológica de Ferreira do Zêzere*. Tomar: Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere e OZECARUS, Serviços Arqueológicos, Ldª.

BATATA, Carlos (2016). *Relatório do Património Arqueológico. Revisão do Plano Diretor Municipal de Tomar. Fase II*. Ed. policopiada.

BORGES, Nélson; SILVA, Ricardo (2007). *Relatório final das escavações arqueológicas na Quinta da Ponte de Peniche (p.k.4+500). IC9 – Nó de Carregueiros/Tomar (IC3)*. Ed. policopiada.

CATARINO, Helena (2004). *A Ocupação Islâmica*. In MEDINA, João, *coord. História de Portugal. Portugal Medieval (I).* Amadora: Edição Ediclube, vol. III, pp. 269-349.

CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000). *Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Cascais: Patrimonia. 2 vols.

FERREIRA, Carlos Jorge Alves (1992). *A necrópole tardo-romana e visigótica de Pedreira. Rio de Moinhos – Abrantes.* «Arqueologia Medieval». 1, 91-110.

LOURENÇO, Sandra (2006). *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alv*a. «Trabalhos de Arqueologia». 50.

MATTOSO, José, *dir.* (1993). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, vol. 1, pp. 441-526. Vol. 1: *Antes de Portugal.*

NÓBREGA, Pedro Pina; NETO, Filipa; TENTE, Catarina (2012). *A sepultura medieval do Alto da Quintinha (Mangualde)*. «Arqueologia Medieval». 12, 203-210.

OLIVEIRA, Jorge de (2017). *Necrópole Alto-Medieval da Coudelaria de Alter.* In TEIXEIRA, Cláudia; CARNEIRO, André, *coord*. *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 433-451.

OOSTERBEEK, Luiz; CRUZ, Ana Rosa (2000). *Povoado de Pinheiros. Campanha arqueológica. 1998.* «Techne». 6, 107-120.

PEREIRA, Elisabete; PEREIRA, Sérgio (2010). *Relatório final da empreitada de construção dos Arranjos Exteriores e Arruamentos no Flecheiro e Mercado (TomarPolis)*. Ed. policopiada.

PONTE, Salete da (1992). *Tomar e o Seu Território*. «O espaço Rural na Lusitânia, Tomar e o Seu Território. Atas do Seminário. (1989)». Tomar, pp. 25-29.

PONTE, Salete da (1995). *Presença paleo-cristã em Tomar.* In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica.* Barcelona: Institut d´Estudis Catalans, pp. 515-520.

PONTE, Salete da (2012). *Interfaces Culturais em Tomar Cidade*. Tomar: TCEL.

PRATA, Sara (2017). *Sobre o estudo das necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Castelo de Vide e Marvão, Portugal): Uma perspectiva metodológica*. In TEIXEIRA, Cláudia; CARNEIRO, André, *coords*. *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 415-432.

ROSA, Amorim (1972). *Anais do Município de Tomar*. Tomar, vol. VIII, pp. 1137-1453.

SANTOS, Helena; CARRONDO, Joana; RIBEIRO, Ricardo (2009). *Relatório final da empreitada de construção da Ponte entre o Flecheiro e o mercado e Remodelação do Açude do Mercado (TomarPolis)*. Ed. policopiada.

TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998). *Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1: 2, 191-217.

TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (2002). *Sepulturas medievais do distrito de Évora.* «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 1, 239-258.

TENTE, Catarina (2017). *Entre o fim do Império e o início da Idade Média: As mudanças na estrutura do povoamento na região noroeste da Serra da Estrela (Centro de Portugal).* In TEIXEIRA, Cláudia; CARNEIRO, André *coord*. *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 19-38.

ANEXOS

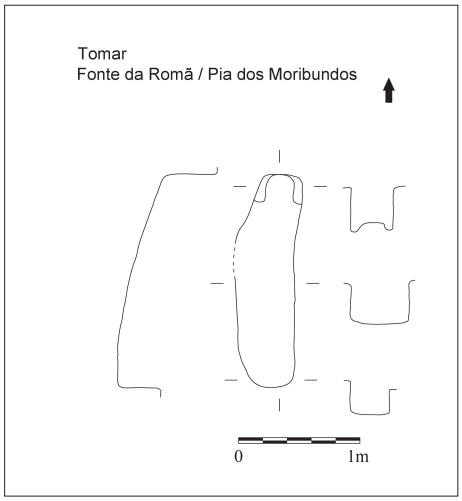
Anexo I. Tabela Geral das Sepulturas e Desenhos

1. N – número da sepultura
2. S – situação da sepultura:
0 – isolada
1 – conjunto de duas sepulturas
2 – conjunto de três sepulturas
3 – conjunto de quatro sepulturas
4 – necrópole
3. S1 – situação em necrópole:
0 – isolada
1 – grupos de duas e de três
2 – grupos de quatro
4. O – orientação da sepultura:
0 – Norte
1 – Sul
2 – Este
3 – Oeste
4 – Nordeste
5 – Sudeste
6 – Noroeste
7 – Sudoeste
5. G – graus
6. CS – estado de conservação da sepultura:
0 – inteira com tampa
1 – inteira sem tampa
2 – fraturada
3 – inacabada
4 – parcialmente destruída
7. TG – tipologia geral:
0 – antropomórfica
1 – não antropomórfica
2 – antropomorfismo incipiente
3 – indeterminada
4 – duplo antropomorfismo
8. TGA – tipologia geral não antropomórfica:
0 – retangular
1 – retangular com os lados arqueados
2 – sub-retangular
3 – sub-retangular com os lados arqueados
4 – trapezoidal
5 – subtrapezoidal
6 – ovalada
7 – indeterminada

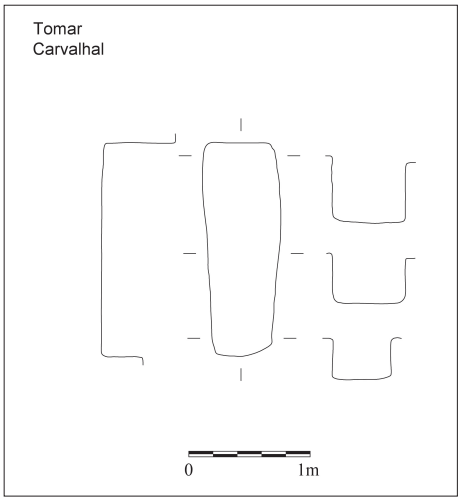
9. TGB – tipologia geral antropomórfica:
0 – ovalada
1 – trapezoidal
2 – subtrapezoidal
3 – retangular
4 – sub-retangular
5 – assimétrica
6 – assimétrica ombro direito
7 – assimétrica ombro esquerdo
8 – encaixe de pernas
9 – curva de braços
10 – moldura interna
11 – retangular com os lados arqueados
12 – indeterminada
13 – trapezoidal com moldura interna
14 – retangular com moldura interna
10. C1 – tipologia geral da cabeceira:
0 – arco ultrapassado
1 – arco de volta perfeita
2 – arco peraltado
3 – retangular
4 – sub-retangular
5 – quadrangular
6 – trapezoidal
7 – «em buraco»
8 – cantos arqueados
9 – cantos paralelipipédicos
10 – cantos em meia lua
11 – assimétrica
12 – indeterminada
11. C2 – plano da cabeceira:
0 – cabeceira e leito em planos diferentes
1 – cabeceira e leito no mesmo plano
2 – «almofada»
12. P1 – pés:
0 – não destacados
1 – destacados
13. P2 – plano dos pés:
0 – pés e leito no mesmo plano
1 – pés e leito em planos diferentes
2 – «almofada» rebaixada
14. L – largura máxima
15. LM – largura a meio
16. C – comprimento
17. CC – comprimento da cabeceira

18. LC – largura da cabeceira
19. PM – profundidade média
20. R1 – rebordo:
0 – ausente
1 – total
2 – parcial
21. R2 – tipo de rebordo:
0 – horizontal
1 – elevado
2 – rebaixado
22. CL – corte lateral:
0 – trapezoidal fechado
1 – trapezoidal aberto
2 – retangular
3 – sub-retangular
4 – losânguico
5 – assimétrico
6 – outro
23. CL' – corte longitudinal:
0 – retangular
1 – sub-retangular
2 – plano inclinado
3 – assimétrico
4 – outro
24. M – tipo de rocha:
0 – calcário
1 – xisto
2 – outro
25. A – área ocupada:
0- afloramento
1-aproveitamento de diáclase
2- penedo isolado
26. IG – implantação geográfica:
0 – vale
1 – encosta
2 – cabeço
3 – esporão
4 – planalto
5 – lugar ermo
6 – terrenos agrícolas
7 – junto a caminhos
7.1 – romano
7.2 – medieval
7.3 – indeterminado
27. IC –implantação cultural:
0 – igreja
1 – capela
2 – outro

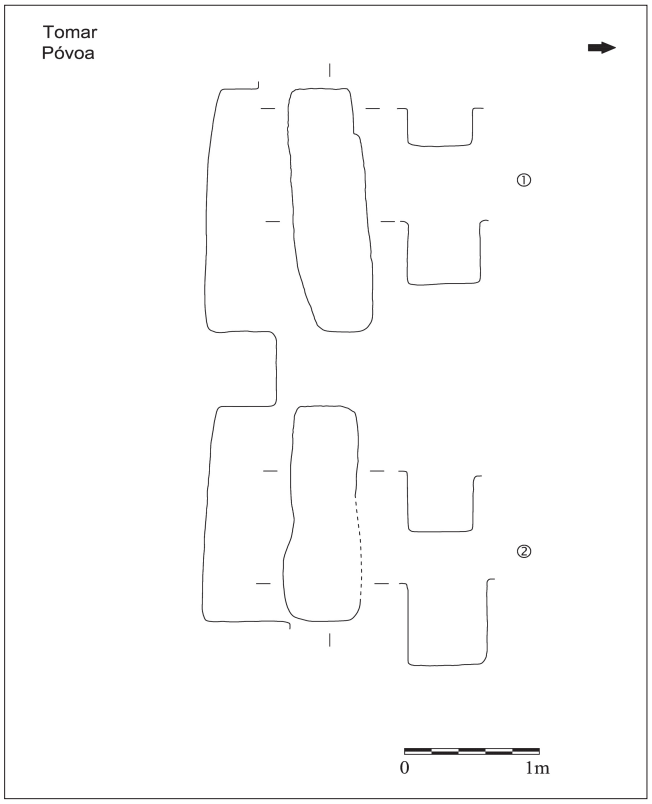
Anexo II. Desenhos das sepulturas escavadas na rocha



a)

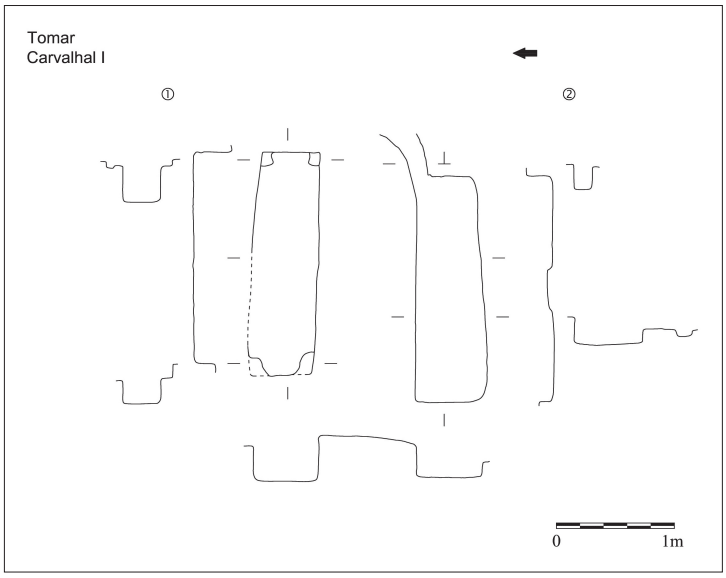


b)

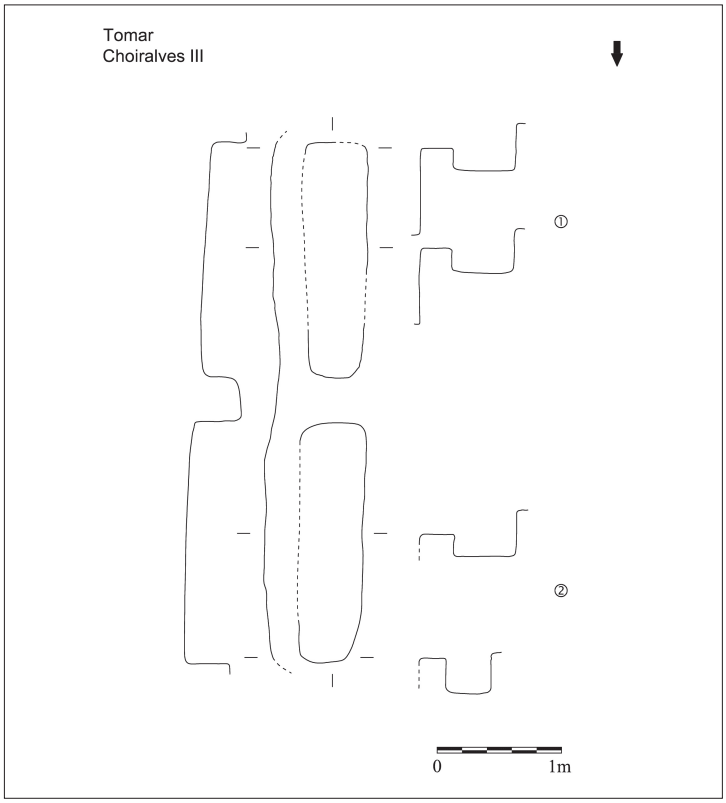


c)

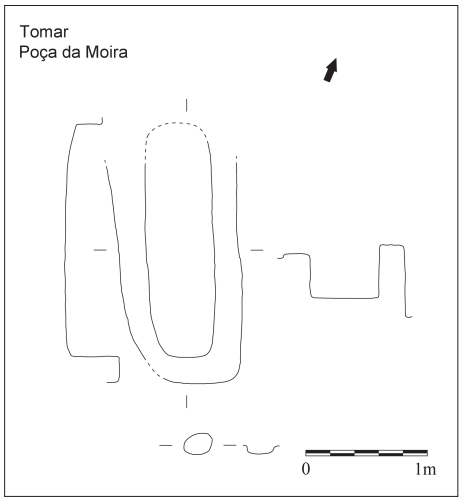
Fonte: autoria de Sandra Lourenço

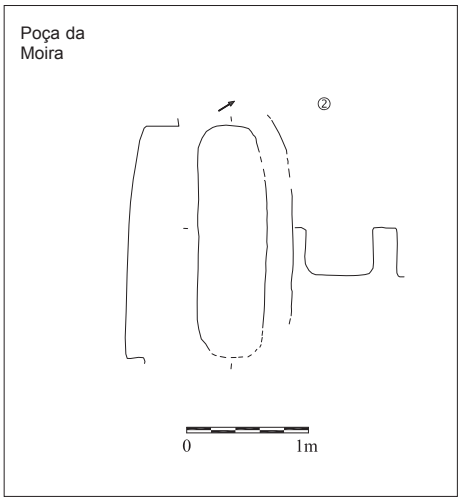


d)

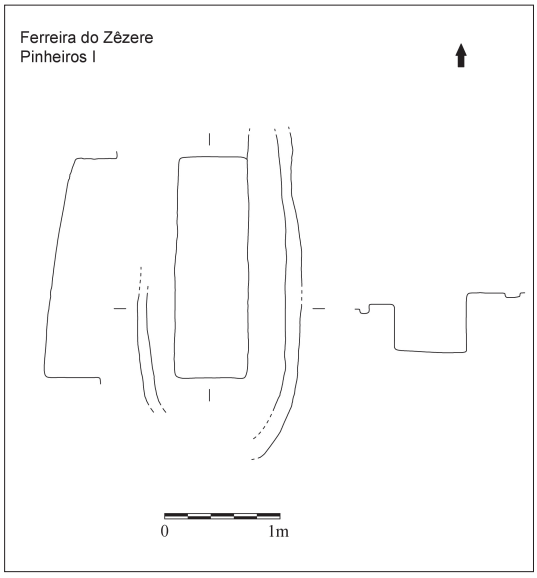


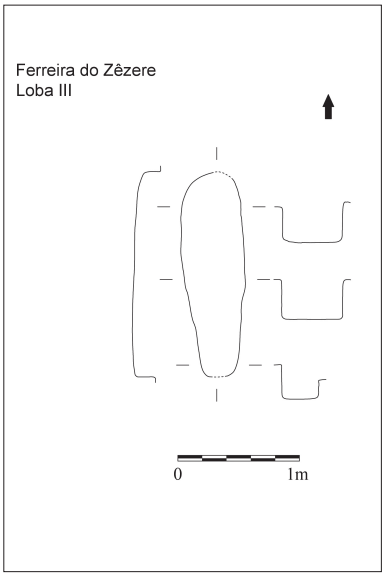
e)


Tomar
Poça da Moira
0
1m

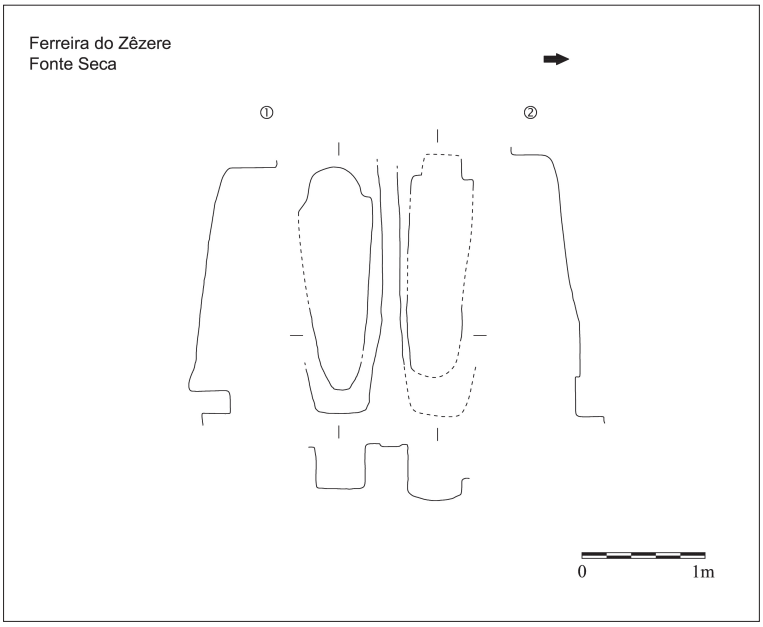

Poça da
Moira
②
0
1m

f)

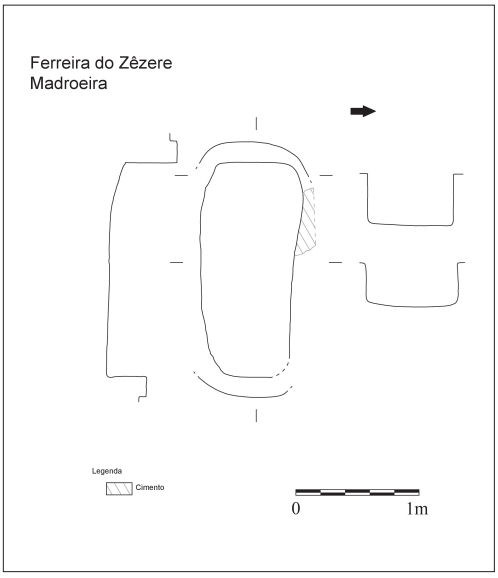

Ferreira do Zêzere
Pinheiros I
0
1m


Ferreira do Zêzere
Loba III
0
1m

g) **h)**


Ferreira do Zêzere
Fonte Seca
①
②
0
1m

i)


Ferreira do Zêzere
Madroeira
Legenda
Cimento
0
1m

j)